

AAA Excepcional AA+ Alta qualidade BBB Acima da média BB+ Moderado CCC Baixa qualidade C Alto risco

A perda como centro da narrativa

Personagens têm de lidar com a situação em nova obra de André de Leones. Por **Marcelo Lyra**, de São Paulo

"Terra de Casas Vazias"

André de Leones

Rocco

320 págs., R\$ 34,50 **BBB**



O novo livro do goiano André de Leones é um romance fragmentado, composto por histórias com personagens

que se cruzam e têm em comum o fato de viver a falta de perspectivas de quem perdeu ou vai perder algo. O casal Arthur e Tereza, por exemplo, perdeu o filho. Só ao final saberemos como aconteceu e quantos anos ele tinha quando morreu. Ao longo desse capítulo, e de todo o livro, o mais importante para o autor é trabalhar a questão da perda e a maneira com que as pessoas lidam com ela.

O casal Aureliano e Camila vive a iminência dessa perda. Ela está com câncer, tem pouco tempo de vida e o marido, um policial de Silvânia, pequena cidade de Goiás (onde o autor nasceu e foi criado), tenta tornar mais agradável os dias que restam. Ao mesmo tempo, acompanhamos seu trabalho, investigações diárias de crimes cometidos por pessoas tão sem perspectivas quanto os personagens do livro. O cotidiano de mortes brutais deveria endurecer o policial e transformá-lo aos poucos no veterano indiferente que é o seu colega de trabalho. Mas a perspectiva da morte da mulher muda seu modo de ver a vida.

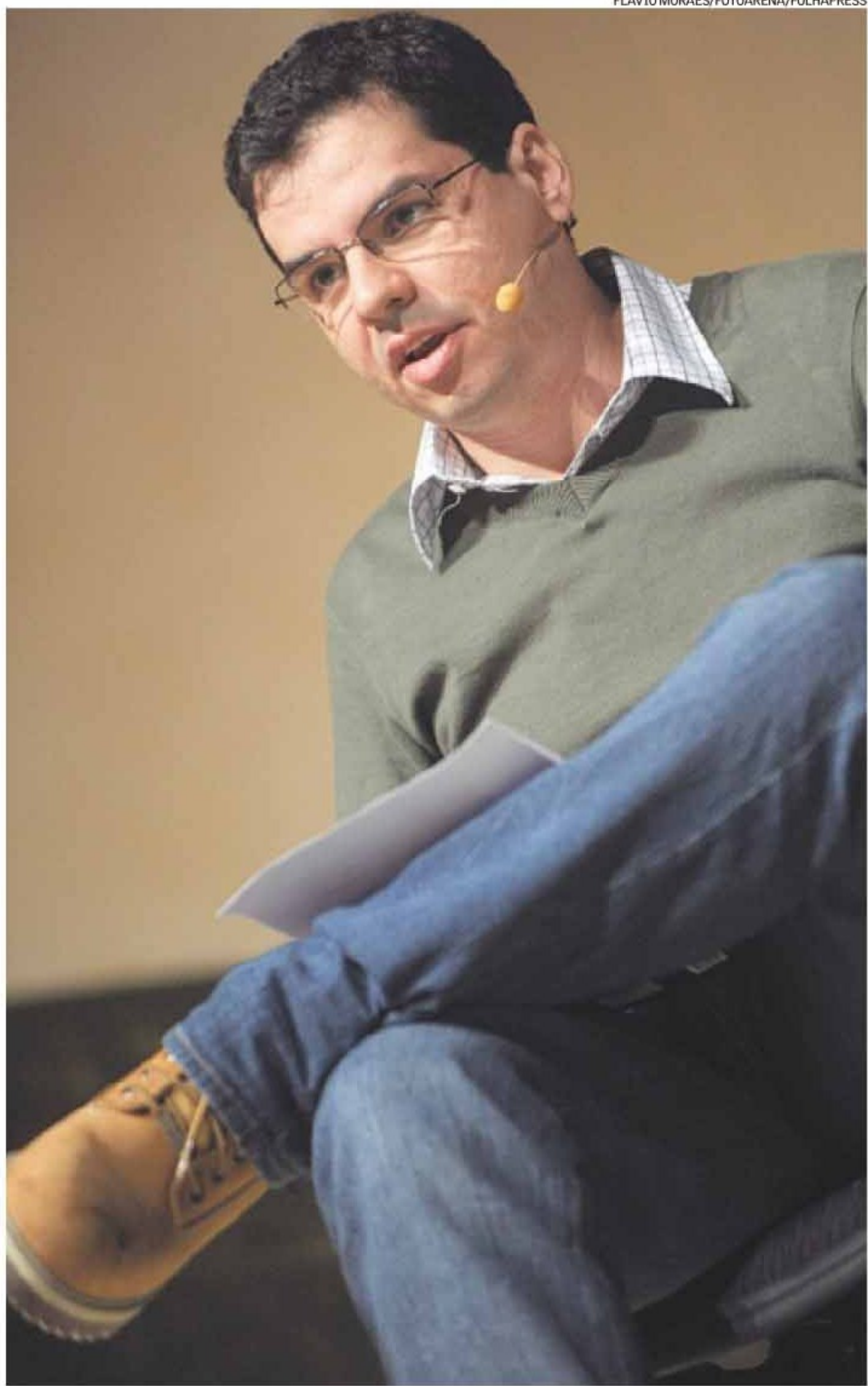
Isadora é um caso à parte. Enquanto os demais lidam com perdas, ela tem que equacionar uma perda e um ganho. Aos 52 anos descobre que engravidou quase ao mesmo tempo em que fica sabendo que seu namorado era um traficante

de drogas. Decide terminar o relacionamento e não contar a ele que engravidou. Mas é uma atitude tomada no calor da descoberta e poderá não ser mantida.

Um dos personagens mais interessantes é a escritora Marcela, filha de Isadora, que parece ser um alter ego do autor. Seu processo criativo é descrito de forma emblemática e seu problema imediato é que não consegue mais escrever. Marcela e Isadora moram juntas, mas suas histórias funcionam na prática como contos diferentes. Marcela passou por um período numa clínica de recuperação de viciados em drogas e lá conheceu Nathalie, tão ou mais problemática do que ela. Aos poucos ficaram amigas e, quando saíram da clínica, passaram a se encontrar com frequência. É evidente que a relação é autodestrutiva, mas o autor não fecha a questão, deixando seu rumo em aberto.

A única ressalva que se pode fazer a este livro é que as histórias são unidas de forma artificial. Dois personagens são primos, duas são mãe e filha e por aí vai. Mas, apesar da aparente coesão, o resultado final lembra mais uma reunião de contos do que um romance. Esse artificialismo se torna mais acentuado na parte final, quando alguns personagens se encontram ou quase se cruzam em Israel. Nessa última parte, um conto da escritora Marcela é apresentado na íntegra, aumentando no leitor a sensação de que está diante de um livro de contos. Mas é interessante notar que o autor sabe mudar completamente o estilo, como se nesse caso o conto fosse realmente escrito por outra pessoa.

A técnica de usar fins em aberto,



FLAVIO MORAES/FOTOARENA/FOLHAPRESS

De Leones: única ressalva a fazer ao livro é que as histórias são unidas de forma artificial

normalmente um clichê literário, encontra aqui uma interessante função narrativa. Ao deixar as histórias sem fecho definitivo, o autor permite diversas interpretações para possíveis rumos, o que é particularmente interessante para os tipos de situações-limite

apresentadas, nas quais personagens vagam à deriva como barquinhos de papel na enxurrada. O que está em questão é a perda e o autor consegue expor o sofrimento de maneira objetiva, sem escorregar para o melodrama. Não é tarefa fácil. ■